



Recepção da primeira telenovela africana exibida no Brasil¹

Tiago Nunes Severino²
Universidade Federal de São Carlos, SP

RESUMO

Este artigo faz uma análise da recepção da telenovela *Windeck*, primeira produção do gênero produzida na África a ser veiculada no Brasil. O mapeamento foi feito com base nas manifestações do público que foram recebidas pela TV Brasil, emissora que transmitiu o folhetim, e pela participação dos telespectadores na página oficial nas redes sociais. O texto tem como referência os apontamentos de Mittel (2004) e Martin-Barbero (2009) sobre a circulação dos gêneros audiovisuais.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção, Telenovela, TV Brasil.

Introdução

Ficções como aquelas produzidas pela TV Globo - Roque Santeiro, Irmãos Coragem, Avenida Brasil e tantas outras - contribuíram para que a telenovela se consolidasse como um dos principais produtos da televisão no país. No entanto, não são apenas as produções nacionais que fazem sucesso no Brasil. O SBT consagrou-se pela veiculação – quase que repetitiva – de diversos títulos mexicanos, como Maria do Bairro, Usurpadora e Esmeralda.

A TV Brasil, emissora pública pertencente à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), antiga Radiobrás, fez um movimento diferente do que é convencionalmente praticado pelos veículos nacionais. Em vez de produzir uma telenovela ou ir em busca dos direitos de uma história em um dos grandes centros de ficção no mundo, ela exibiu, no final de 2014 e início de 2015, uma telenovela angolana.

A proposta deste artigo é fazer uma análise da recepção desta produção no Brasil, tendo em vista o caráter inédito que possui a veiculação de uma telenovela de origem africana.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência, Tecnologia do Sul de Minas Gerais – campus Passos. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). tiagonseverino@gmail.com



Windeck na TV Brasil

Windeck é uma telenovela produzida pela Semba Produções. Ela foi gravada na África e em Portugal com profissionais de ambos os países. Em 2013, ela concorreu ao Emmy Internacional em uma disputa que foi vencida por Lado a Lado e teve também como competidora Avenida Brasil. As duas da TV Globo.

Windeck tem um caráter inédito para o público brasileiro em três aspectos: 1) Primeira telenovela africana exibida no Brasil: em 65 anos de história do meio televisão no Brasil, e diante da importância que ele tem, nunca um folhetim produzido na África havia sido veiculado aqui. Destaca-se também a baixa troca de produtos audiovisuais entre Brasil e África. Em geral, o que acontece é apenas o movimento de conteúdos feitos no Brasil serem levados para aquele continente; 2) Elenco majoritariamente negro: Algo pouco convencional. Uma das críticas, inclusive, que a telenovela brasileira recebe do movimento afro é sobre a representação do negro, quase sempre circunscrito a papéis de menor expressão na história; 3) Idioma: apesar de compartilhar o mesmo idioma, Brasil, Portugal e os países da África Lusófona, guardam certa distância em termos de significados de algumas palavras e a pronúncia.

Porém, antes de ser exibida no Brasil, a telenovela foi ao ar em seu país de origem pelo Canal 2, em Moçambique pela TVM e em Portugal na RTP. Todas emissoras públicas.

A trama de *Windeck* se passa em Luanda, na Angola, e mostra os bastidores da revista de moda Divo. A proposta da telenovela é contar o que as pessoas fazem para alcançar a fama, ter *glamour* e poder. A personagem Vitória, interpretada por Micaela Reis, faz de tudo para conseguir ascensão social. Inclusive, vem daí o nome da *Windeck*. Trata-se de uma gíria para definir a pessoa como uma espécie de alpinista social. Ou seja, que se utiliza de diversos artifícios para saciar a ambição. Vitória e a irmã Ana Maria, que é interpretada pela atriz Nádia Silva, disputam o amor de Kiluanji, personagem do ator Celso Roberto. Ele é diretor e filho do dono da revista Divo.

Figura 1. Kiluanji, Ana Maria e Vitória em *Windeck*.



A narrativa de *Windeck* não se distancia muito das novelas exibidas rotineiramente pelas emissoras no Brasil. O melodrama permeia toda a história. A composição de cenários não tem o acabamento das produções da TV Globo, reconhecidas por sua qualidade técnica, artística e visual. No entanto, não deixa a desejar. Na verdade, o que incomoda, em relação a este aspecto, é que os espaços são muitos pequenos, apesar de bem montados. Por sua vez, percebe-se nos figurinos a intenção da produtora em dar certo *glamour* aos personagens, mesmo aqueles que na trama estão fora dos núcleos de poder e dinheiro.

Em relação à interpretação, a maior parte dos atores já atua na televisão na África e em Portugal. Por isso, com raras exceções, há equívocos ou inadequações que poderiam comprometer a fluência do roteiro. O interessante do elenco é que ele é, em sua maioria, de artistas negros. Esse foi um dos argumentos utilizados pela TV Brasil para justificar a exibição pela emissora.

Figura 2. Equipe da revista Divo





A exibição de *Windeck* pela TV Brasil aconteceu por intermédio da Secretaria de Políticas Públicas da Igualdade Racial (Seppir), da Presidência da República. O órgão, que tem *status* de ministério, adquiriu os direitos de transmissão e repassou para a emissora. Pouco tempo antes de entrar no ar, a diretoria de programação da TV Brasil fez uma apresentação da telenovela ao Conselho Curador da empresa.

Importante ressaltar que a TV Brasil é uma das emissoras de propriedade da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)³, estatal vinculada à Presidência da República, criada em 2007 em substituição à Radiobrás. A lei 11.652 de 2008 estabeleceu, entre outras coisas, a competência do Conselho Curador de analisar a qualidade dos conteúdos dos diversos veículos da empresa.

Segundo a legislação, a programação deve “desenvolver a consciência crítica do cidadão, mediante programação educativa, artística, cultural, informativa, científica e promotora de cidadania”, “apoiar processos de inclusão social” e “buscar excelência em conteúdos e linguagens” (BRASIL, 2008). É a partir de todos esses preceitos que *Windeck* entrou na grade da TV Brasil em 10 de novembro de 2014, na semana que celebra a consciência negra, e se estendeu até 28 de abril de 2015.

Em termos de atendimento à proposta do canal, em reunião do Conselho Curador da EBC, o conselheiro João Jorge⁴ fez uma exposição do que ela representa.

o mais importante é também trazer uma África real, a África que tem os cabelos lisos, a África que tem gente que quer acender rapidamente (...) Essa iniciativa é fundamental pra comunicação pública no Brasil (...) Esse tipo de novela vai nos dar oportunidades da gente questionar o que está acontecendo com a juventude que está do outro lado do rio, o atlântico é um rio, tem a margem direita e a margem esquerda. Nós estamos em uma das margens, na outra margem a vida não parou. Essa novela tem muitas características das novelas brasileiras e mexicanas (CONSELHO CURADOR, 2014).

Para o conselheiro João Jorge, existem muitas semelhanças entre e a telenovela brasileira. A diferença fundamental, porém, é que “os personagens são cem por cento africanos. Quem sabe isso não causa um impacto nos brasileiros que já se acostumaram a ver novelas com cem por cento de descendentes de europeus, sem um único negro, ou, às vezes, com três ou às vezes com dois” (Ibidem).

³ Além da TV Brasil, a EBC possui a TV Brasil Internacional, Rádio Nacional AM do Rio de Janeiro, MEC AM E MEC FM, Nacional AM e FM de Brasília, Nacional da Amazônia e Nacional do Alto Solimões, Agência Brasil, Portal EBC e Radioagência.

⁴ João Jorge é presidente do grupo Olodum. Segundo descrição do Conselho Curador da EBC, ele é “uma das principais referências no Brasil na questão da defesa dos direitos da população negra e do combate ao racismo, ao lado da promoção da autoestima e do orgulho da comunidade negra”.



Sobre o idioma, a TV Brasil manteve a fala original sem o uso de legendas. Eventualmente quando o personagem utiliza uma gíria ou palavra considerada mais difícil de ser compreendida entra na tela uma tarja com o significado. Também foi colocado para o telespectador o recurso de *closed caption*.

Diante do exposto, a pergunta que o artigo se propõe a receber é: como a telenovela angolana *Windeck* foi recebida pelo público brasileiro? Qual a leitura que os telespectadores fizeram dessa produção?

Leitura dos produtos audiovisuais

A interpretação sobre o público não é uma atividade simples. Dominique Wolton (1996) afirma que mesmo com instrumentos e técnicas modernas para verificação da audiência, o telespectador continuará a ser sempre um mistério a ser desvendado pelas emissoras de televisão. A representação da composição da audiência somente pelo número de espectadores não é suficiente para informar como eles se comportam e o que eles esperam do meio, segundo o teórico francês.

Jason Mittel (2004), ao se referir à questão dos gêneros audiovisuais, oferece um caminho que pode contribuir para um caminho para entender a expectativa em torno da audiência. Segundo ele, tradicionalmente, o estudo dos produtos televisivos e cinematográficos tendem a considerar somente a avaliação textual. Ou seja, como as características que compõem o texto são mantidas e transformadas na medida em que são feitos novos produtos. Porém, de acordo com o autor, é preciso observar como a audiência usa e constitui os produtos genéricos fora do momento que assiste televisão.

Os apontamentos do autor não desconsideram os aspectos textuais, mas propõem ir além da narrativa. Para ele, mais do que questionar o que um produto audiovisual significa como arranjo narrativo, é preciso saber o que ele representa para um grupo cultural específico.

Assim, a telenovela ganha sentido no momento em que o telespectador não está mais diante do televisor. É na conversa do bar, dentro do ônibus, no acompanhamento das notícias sobre personagens e atores na imprensa que o público vai construindo significado para a trama.

Segundo Martin-Barbero, em *Dos meios às mediações* (2009), o ambiente familiar é um dos espaços de mediação simbólica, onde a televisão está localizada. O autor argumenta que o espaço doméstico é o lugar original de trocas, reconhecimento e



conflitos simbólicos, o que mostra sua importância além de uma questão econômica. A área doméstica é um dos espaços fundamentais de leitura e codificação dos produtos televisivos.

A lógica é a seguinte: a família vê o programa e cada um opina sobre as suas impressões do que foi veiculado. O detalhe é que há alguns anos estas visões estavam realmente circunscritas ao ambiente doméstico. Atualmente, com os sistemas virtuais de troca de mensagens, cada opinião ajuda a compor uma rede simbólica em torno do produto televisivo. A telenovela não é, por assim dizer, propriedade apenas dos produtores. Ela é também aquilo que o público creditou de valor a partir de uma manifestação feita em casa, na mesa do bar, no trabalho ou na internet.

“A televisão fornece material para a chamada na conversa na hora do cafezinho. E, para um número crescente de pessoas, a hora do cafezinho tornou-se digital. Fóruns on line oferecem uma oportunidade para os participantes compartilharem conhecimentos e opiniões”. A afirmação de Henry Jenkins em *Cultura da Convergência* (2009, p.33) elucida como se dá a presença da televisão no cotidiano e como isso tem se alterado com o uso cada vez mais frequente da internet. Para o teórico, as comunidades virtuais funcionam como espaços para formação da inteligência coletiva. Ou seja, lugares em que o estabelecimento de uma ideia se dá com base na colaboração de múltiplos atores.

Segundo Jenkins, “essas novas comunidades são definidas por ações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns” (2009, p.57). Elas têm a capacidade de discutir, fazer negociações e estimular a busca por informações. Jenkins ainda cita a capacidade dos espaços *on line* de estimular o consumo em direção aos produtos da mídia tradicional ou contribuir no estabelecimento de uma identidade.

O termo participação não se restringe, portanto, nem ao universo do público nem dos produtores/emissores. Também, não é uma relação plenamente estável ou livre de tensões. Pelo contrário, na medida em que existe o embate de ideias, o choque de opiniões e a tentativa de alguns usuários validarem suas impressões, o espaço virtual torna-se uma arena formada por múltiplos saberes e de visões que podem ser divergentes.

Em toda a parte e em todos os níveis, o termo “participação” emergiu como um conceito dominante, embora cercado de expectativas conflitantes. As corporações imaginam a participação como algo que podem iniciar e parar,



canalizar e redirecionar, transformar em mercadoria e vender. As proibicionistas estão tentando impedir a participação não autorizada; as cooperativistas estão tentando conquistar para si os criadores alternativos. Os consumidores, por outro lado, estão reivindicando o direito de participar da cultura, sob suas próprias condições, quando e onde desejarem. Esse consumidor, mais poderoso, enfrenta uma série de batalhas para preservar e expandir seu direito de participar (JENKINS, 2009, p.236).

Como identificar os modos de leitura do público? Para Mittel, a análise deveria considerar os atributos particulares do meio. Não se pode simplesmente impor as definições do gênero da literatura e do cinema para a televisão. Cada meio tem particularidades próprias. O que deve ser feito é enxergar a interseção dos meios, como eles operam juntos.

O estudo não deve prescindir de uma avaliação que considere sua inserção na indústria. Técnicas de produção, nichos de marketing, decisões de programação, entrevistas, releases à imprensa, *making of* e a identidade são rastros oficiais de como se dá a circulação dos produtos televisuais. Em outro ponto, a leitura do público expressa, por exemplo, em ambientes on line tem a propriedade de mostrar como a audiência interpreta aquilo que a emissora disponibiliza na televisão ou em canais de interação e participação. Assim, a pesquisa faz a análise dos modos de leitura do público de duas formas: por participação direta no conteúdo da EBC e por manifestação nas redes sociais.

Leitura da audiência por meio da participação direta

Entende-se, neste artigo, participação direta no conteúdo, as mensagens encaminhadas pelos telespectadores para a ouvidoria da Empresa Brasil de Comunicação, que faz a gestão da TV Brasil. A lei que criou a estatal definiu a criação que esse departamento é responsável por “exercer a crítica interna da programação por ela produzida ou veiculada, com respeito à observância dos princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública, bem como examinar e opinar sobre as queixas e reclamações de telespectadores e rádio-ouvintes referentes à programação” (BRASIL, 2008).

Uma atividade de dupla função. A primeira de caráter reativo e que tem a característica básica de qualquer ouvidoria pública: ser intermediário entre o público e a direção da instituição, encaminhando as reclamações, sugestões e elogios. A outra



função é de natureza proativa. Trata-se da verificação diária do conteúdo veiculado pelos diversos veículos da empresa.

Para essa análise, a ouvidoria dispõe de três ouvidores adjuntos⁵. Um destinado para as emissoras de rádio, um para televisão e outro para a Agência Brasil e Portal EBC. Eles fazem o acompanhamento diário do que é colocado para o público. Uma atividade que se equipara à função de ombudsman no jornalismo. É produzido um boletim com o resultado dessas verificações que é remetido à diretoria executiva.

Diariamente os ouvintes das emissoras de rádio, como a Nacional do Rio de Janeiro, os telespectadores da TV Brasil e leitores das matérias da Agência Brasil enviam mensagens para a ouvidoria. As demandas são recebidas via e-mail, telefone ou pessoalmente, registradas em um sistema eletrônico e enviadas para a área correspondente. Cada setor da EBC tem até cinco dias úteis para responder ao demandante, em caso de queixas. A proposta dos encaminhamentos é permitir que o público participe diretamente da gestão da empresa, opinando sobre o que vai ao ar.

A TV Brasil é o veículo com o maior número de mensagens do público. Em 2014, de um total de 5589 manifestações recebidas pela ouvidoria, 2830 (50,6%) eram para a televisão. Foram 557 reclamações, 477 sugestões, 459 serviços, 299 elogios e 65 comentários, nesse meio (OUVIDORIA, 2014).

A exibição da telenovela *Windeck* motivou as mensagens de muitos telespectadores. O trabalho apresenta um recorte das manifestações para observar a leitura que o público fez em relação à produção.

Percebe-se entre as mensagens que a ação promocional de divulgação da telenovela serviu para que novos telespectadores conhecessem a TV Brasil, como se observa na mensagem a seguir:

[T1] conheci a TV Brasil após a divulgação da novela *Windeck*. Sou estudiosa sobre a cultura africana e fiquei deveras feliz ao saber que aqui no Brasil começariam a transmitir a novela. Não conhecia a emissora e após assistir a algumas programações percebo que temos muita coisa boa para ver na TV. Quero parabenizá-los de coração todo o trabalho que fazem, é enriquecedor. Não consigo mais parar de assistir a este canal (OUVIDORIA, 2014, p. 46).

A veiculação de uma produção ficcional seriada fora do eixo comumente apresentado pela televisão brasileira também chamou a atenção do público. Em geral, as

⁵ Além dos ouvidores adjuntos, há um ouvidor-geral responsável por coordenar as ações da área.



produções audiovisuais estrangeiras estão concentradas, principalmente no que é originário dos Estados Unidos, Europa e, no caso das telenovelas, no México.

[T2] São poucas as oportunidades que nós, brasileiros, temos de contato com produções midiáticas de países de língua portuguesa, nossos irmãos. Sugiro que a iniciativa se estenda a trabalhos dos outros países lusófonos (Ibidem).

[T3] Quero, por meio deste, parabenizar a TV Brasil/EBC pela rica oportunidade de poder assistir a uma novela *made in* Angola. Mesmo não sendo adepto deste ramo da teledramaturgia, fiquei fascinado quando assisti (OUVIDORIA, 2014, p. 47).

A presença do elenco, em sua maioria, negro e a curiosidade sobre a história e cultura de Luanda foram elementos que interessaram os telespectadores.

[T4] Estou muito feliz com a novela *Windeck*. Assistio todos os dias. A novela é composta por um elenco muito, muito, muito lindo. No Brasil, temos muitos negros em novelas da época da escravidão. Mas em novelas com temas cotidianos, temos muito poucos. Vamos fazer diferente. Temos negros lindos e competentes. Somos um país miscigenado. Vamos escrever apresentar novelas com negros, índios e brancos (Ibidem).

[T5] Adoro assistir e saber sobre coisas de algo tão lindo quanto à África, Angola, Luanda. Adoro a novela, adoro as coisas que estou aprendendo sobre, e adoro ver o sotaque deles, embora muito parecido com o da gente e muito mais rico, bonito de ouvir, de ver. Muito bom, fora que quebra qualquer preconceito (Ibidem).

Reclamações também chegaram à TV Brasil. A maior parte relacionada ao horário, 23h. O motivo de começar tão tarde é a classificação indicativa.

[T6] Fiquei contente de saber da exibição da novela angolana, uma possibilidade de sair das nossas que estão cada dia piores. Inclusive uma chance de conhecer a cultura daquele país. Porém, logo me decepcionei quando vi que será exibida às 23hs. Gostaria de saber o motivo da escolha, será que é imprópria para outro horário? Para muitas pessoas é impossível este horário. Acordo cedo, sou trabalhadora (OUVIDORIA, 2014, p. 45).

A situação política da Angola e a representação do país na telenovela motivaram críticas.

[T7] Angola é um país rico em minerais, porém após essas mudanças, acarretadas em parte pelas milhares de mortes na guerra civil contra o FMA, hoje é um país extremamente corrupto, personificado na personagem da novela *Windeck* denominada "Pati", sobrenome "Faria" (formando "patifaria") (...) a produção da mesma foi diretamente influenciada pela emissora brasileira Rede Globo de Televisão e que é um trabalho típico de

qualquer outro país corrupto (...) [a novela *Windeck*] é um reflexo nítido da corrupção da sociedade angolana atual (OUVIDORIA, 2014, p. 48).

Todas as mensagens foram respondidas ao público. Para os elogios, o procedimento usual é uma resposta de agradecimento. No caso das reclamações, as áreas avaliam a informação e repassam suas justificativas ou informam procedimentos que serão adotados.

Leitura da audiência nas redes sociais

Neste tópico, o artigo observa os comentários dos telespectadores na página da telenovela no Facebook. São pouco mais de cinco mil curtidas⁶. Entre os conteúdos postados para o público estão trechos principais dos capítulos de cada dia. O *teaser* se diferencia da chamada que ia ao ar usualmente na televisão, porque cada um tem aproximadamente um minuto e não possui a locução ou grafismo da emissora, apenas efetivamente a cena que foi recortada do capítulo.

O interesse do público pelos atores também foi aproveitado como estratégia para convocar a audiência à participação. Muitos deles gravaram mensagens convidando o público a acompanhar um episódio em particular, conhecer a telenovela ou assistir os capítulos finais. *Memes*⁷ também foram criadas a partir de cenas e bordões dos personagens.

Figura 3. Meme das duas irmãs de *Windeck*



⁶ O número se refere à data que o artigo foi produzido – 07/05/2015.

⁷ *Memes*: mensagens visuais, em geral, de caráter irônico que são distribuídas pelas redes sociais.

Figura 4. Frase positiva de Luena Voss em *Windeck*



Em relação às mensagens do público, devido à extensão do folhetim, cerca de cinco meses, esta verificação concentrou-se nas publicações feitas na última semana de exibição de *Windeck*, no período de 21 a 28 de abril. Durante esses dias, a página foi alimentada, em especial com conteúdo em vídeo com os atores que falavam sobre a trama.

No dia 21, foi postado um vídeo com o protagonista da história, o ator Celso Roberto. No dia 23, foi publicado um depoimento de Ery Costa que atua como Xavier Voss, o dono da revista *Divo*. No dia 26, foi a vez de uma chamada com a atriz Edusa Chindecasse que convidava o público para ver os capítulos finais. E, no dia 27, véspera do capítulo final, a atriz Nádia Silva, que interpreta Ana Maria, participou de bate papo com internauta ao vivo e as mensagens para ela podiam ser encaminhadas a partir da página da telenovela no Facebook.

De forma geral, as mensagens validam o que a ouvidoria já havia recebido. São comentários sobre a beleza dos atores, a experiência de assistir uma produção ficcional africana, a inevitável comparação com as telenovelas nacionais e pedidos para reprise.

[T8] Acho que teria que reprisar ou passar outra novela Angolana. E outro nível. Muito boa. Fico na espera⁸.

[T9] Uma coisa eu garanto foi uma das, senão a melhor, novela dos últimos tempos que assisti. Aliás, novela brasileira nem assisto mais. Tudo lixo, pornografia e desafeto familiar, uma vergonha!

[T10] A globo precisa aprender com eles a fazer novelas

⁸ Mensagens obtidas da página oficial da telenovela *Windeck* disponível endereço: <https://www.facebook.com/NovelaWindeck>



[T11] Até quando ficaremos órfãos, produção?

Depois que a telenovela encerrou, a página passou a postar conteúdos relacionados à comunidade negra, como a matéria sobre estudos africanos que foi ao ar no telejornal *Repórter Brasil*, da TV Brasil.

Considerações finais

A veiculação de *Windeck* pela TV Brasil tem uma série de méritos. A primeira pela própria decisão de colocar no ar uma produção originária de Angola. Normalmente, o que as emissoras fazem é adquirir direitos de obras dos Estados Unidos, Europa e, em menor escala, da América Latina. No caso da telenovela, convencionou-se no Brasil, a importação de enlatados mexicanos.

No entanto, para que seja algo efetivo, a TV Brasil, como emissora pública, deve continuar a se lançar em busca do diferente e da experimentação, como foi o caso de *Windeck*. Talvez seja hora de buscar outros produtos naquele continente dada às semelhanças históricas e culturais que ligam Brasil e África.

A presença de atores negros e de uma história que acontecesse em Luanda funcionaram para o público brasileiro como uma nova visualidade. Raramente, imagens são trazidas da África para dentro da ficção nacional. Quando isso acontece é de forma breve em alguns capítulos. Quanto ao papel do negro na dramaturgia, normalmente, ele fica limitado, com raras exceções, ao destaque quando a história se refere à escravidão.

Windeck também promove uma aproximação entre os países lusófonos. De certa forma, a diferença no significado de algumas palavras e no modo de pronúncia podem ter criado, ao longo do tempo, uma barreira do Brasil com outros países que falam português. Para os brasileiros, é mais fácil legendar ou dublar um produto audiovisual do que se propor o desafio de entender e compreender o que está sendo dito. A decisão de manter o áudio original, fazer o uso das tarjas e do glossário foram decisões acertadas pela TV Brasil.

Nada disso, porém funcionaria se *Windeck* não tivesse as características básicas de uma telenovela – drama, suspense, romance, disputas de poder. Diante do cenário aqui apresentado, começa a ficar mais fácil entender o motivo que levou o público a validar de forma positiva a veiculação do folhetim.



Não se trata de uma obra chata, enfadonha. Afinal, é essa a interpretação feita usualmente da programação dos veículos públicos. Para alguns, a TV Brasil, por seu projeto, forma de constituição e proposta, somente poderia veicular vídeo-aulas, desenhos educativos e entrevistas políticas. Com a novela, a emissora da EBC mostrou que o entretenimento é importante para que um veículo público seja capaz de cumprir sua missão.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Rick. Que se suele entender por género cinematográfico?. In: ALTMAN, Rick. **Los géneros cinematográficos**. Buenos Aires, México: Paidós, 2000, p. 33-78.

BERRY-FLINT, Sarah. Genre. In: MILLER, Toby; STAM, Robert (eds.). **A companion to film theory**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 1999, pp. 25-44.

BRASIL. **Lei nº 11.652**, de 7 de abril de 2008.

CONSELHO CURADOR. Empresa Brasil de Comunicação. Ata da reunião realizada no dia 15 de outubro de 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MITTEL, Jason. **Genre and television: from cop shows to cartoons in American Culture**. New York: Routledge, 2004.

OUVIDORIA (Empresa Brasil de Comunicação). **Relatório anual de 2014**. Brasília, 2014. p.183.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.